



## GT 046. Música, Som e Formas Expressivas

Wagner Neves Diniz Chaves (Departamento de Antropologia Cultural/UFRJ) - Coordenador/a, João Miguel Manzollilo Sautchuk (DAN/UnB) - Coordenador/a

Expressiva, comunicacional e performativa, aglutinadora de múltiplos conhecimentos, significados e agenciamentos, a música é um campo fértil para investigação antropológica de um conjunto de temas e questões, possibilitando o diálogo entre diferentes nichos dos debates antropológicos, tais quais etnomusicologia, etnologia indígena, cultura popular, patrimônio, antropologia urbana, antropologia do Estado e análise de rituais e performances. Apostando na relativização da noção de música como categoria analítica e partindo da superação do antigo dilema que apartava análise dos aspectos sonoros e interpretação dos sistemas de pensamento e ação, este Grupo de Trabalho volta a atenção para as conexões entre múltiplos aspectos das práticas musicais e produções sonoras e seus significados sociais, principalmente as relações da música com outros meios expressivos e práticas sociais, e as dimensões técnicas e práticas do fazer musical. Tendo em vista esta perspectiva geral, pretende-se explorar os seguintes eixos temáticos: 1) música e linguagem; 2) interação no fazer musical; 3) teorias musicais nativas; 4) música, ritual e performance; 5) mediação, apropriação e identidade; 6) gravação, representação fonográfica e arquivos; 7) paisagem sonora.

### **Crianças cantadas: sobre os pontos numa gira de ibejada.**

**Autoria:** Morena Barroso Martins de Freitas

As Ibejadas são as entidades infantis que integram o panteão da umbanda. Podem ser compreendidas enquanto manifestação de espíritos que desencarnaram ainda na infância ou enquanto uma forma específica, nesse caso infantil, de manifestação de espíritos evoluídos que retornam à terra para nos proteger e aconselhar; ainda que entre as doutrinas de umbanda haja algumas diferenças, estamos em ambos casos falando de entidades que se manifestam como crianças. Quando essas entidades chegam aos salões dos centros de umbanda, corpos adultos (dos médiuns) vestem bonés e arcos coloridos, brincam de bola e boneca, tomam refrigerante e comem doces. Quem vai aos centros para ver e falar com essas entidades, ouve suas falas em tatibitate, recebe e dá doces e brinquedos, vê a alegria das Crianças e por elas é contagiado. Em minha pesquisa de doutorado debruço-me sobre essas Crianças, compreendendo-as enquanto um discurso sobre infância produzido e materializado religiosa e ritualmente, mas que ultrapassa os espaços religiosos dos centros de umbanda e tem relação com um imaginário social mais amplo sobre crianças e infâncias. Pautada numa perspectiva que privilegia uma abordagem da religião e seus rituais a partir das materialidades, procuro refletir sobre as Crianças a partir de suas coisas a fim de apreender como determinados discursos sobre infância são, em rituais de umbanda, reafirmados e criados a partir de formas materiais em imagens, comidas, corpos, roupas e pontos cantados. Entendo, portanto, que nas giras de ibejada podemos acessar sensivelmente um discurso sobre (C)crianças que é, ritualmente, materializado, performado, experienciado e atualizado. A partir da observação de giras festivas e sessões de consulta em um centro de umbanda da zona norte do Rio de Janeiro, procuro compreender como, onde e quando as Crianças apresentam-se publicamente e a partir de quais objetos, cores e sons essas entidades tornam-se sensíveis (vistas, ouvidas e tocadas). Neste work, pretendo dar especial atenção a uma das materialidades desses rituais: os pontos cantados. Os pontos chamam as Crianças à terra, embalam suas brincadeiras pelo salão, nos apresentam a Mariazinha da Beira da Praia que sacode a saia, nos contam sobre os jardins e cachoeiras de onde elas vêm, nos falam das balas, pipoca e guaraná que agradam o paladar dessas entidades; e é também cantando que nos despedimos dessas Crianças. Através dos pontos ouvimos sobre as entidades e com elas nos comunicamos. A partir da análise desses pontos cantados, pretendo pensar como



suas letras nos contam sobre essas Crianças e como o toque do atabaque, as palmas e o canto se conformam enquanto materialidades que produzem e são produzidas no ritual e partir das quais podemos experienciar essas Crianças sagradas.



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

